

AFIXOS E RADICAIS COMO ELEMENTOS DE INTERCOMPREENSÃO

René Gottlieb Strehler (UnB)
rene_strehler@terra.com.br

RESUMO

Há várias maneiras de analisar a formação de palavras. Usualmente é questão de *derivação* e de *composição*; essa última se divide, na tradição portuguesa, em *composição por justaposição* e *composição por aglutinação*, enquanto os manuais franceses mencionam a *composition "populaire"* e a *composition "savante"*. As diferentes maneiras de subcategorizar a composição implicam vantagens e inconvenientes, mas acontece que se pode inventariar elementos formadores de palavras que oferecem ao falante pistas para interpretar palavras novas. Assim, a presença de *-crat-* permite inferir que a palavra se refere a “poder” (como em *aristocracia* ou em *ginecocrata*), no caso de *ex-* pode-se hesitar entre o significado “que não é mais” (como em *ex-presidente*) e “para fora” (como em *expatriar*). Esses elementos formadores, na nossa terminologia afixos e radicais, já são explorados, de maneira isolada, no ensino da língua materna ou estrangeira, mas nota-se que, graças à herança greco-latina, muitos desses elementos se prestam a uma intercompreensão entre línguas neolatinas, tema do presente trabalho, mas outras línguas poderiam igualmente ser contempladas; afinal, não é preciso saber alemão para entender as palavras alemãs *Anthropologie* ou *Anthologie*. O presente trabalho visa expor as possibilidades e os limites de um modelo de intercompreensão que se baseia em elementos formadores. Atualmente existe uma base lexical espanhol, francês e português de cerca de 350 unidades lexicais com funcionamento parecido nas três línguas. Tendo como base as 350 unidades, se pode elaborar técnicas, jogos por exemplo, que possam ajudar na aquisição de mecanismos de intercompreensão.

Palavras-chaves: Lexicologia. Derivação. Composição. Intercompreensão.

1. Introdução

Partimos do princípio de que o conhecimento dos mecanismos de formação de palavras constitui um elemento que garante certa intercompreensão entre línguas neolatinas; mas não apenas entre elas, pois a difusão de termos técnicos e científicos mostra que não apenas no espanhol,

no francês e no português se manifesta certa herança cultural greco-latina. Para se convencer deste fato, basta consultar um dicionário de língua alemã, que é uma língua não latina. Nas páginas consagradas às palavras começando por *anth...* encontramos palavras como *Anthologie*, *Anthrax*, *Anthropologie* ou *Anthroposophie*, palavras conhecidas em muitas outras línguas. Assim, certos elementos formadores de palavras permitem a intercompreensão entre línguas. Quando se trata de línguas da mesma família, essa intercompreensão é mais fácil, em outros casos, termos técnicos apenas permitem dar uma ideia vaga do assunto tratado por um texto.

No caso do presente trabalho, as línguas tratadas são o francês e o português. O espanhol já está incrementado na versão estendida que resulta num livro propondo atividades pedagógicas para aprendizes do francês ou do espanhol como línguas estrangeiras. Uma aplicação à língua portuguesa é igualmente possível.

Quanto à intercompreensão, ela pode ir relativamente longe, fato que justifica que o tradutor, ou quem quer que deve trabalhar num meio plurilíngue, tenha certos conhecimentos a propósito de como se formam palavras pelo intermediário de elementos mórficos. Esse conhecimento permite igualmente aprender os limites do modelo.

Nesse contexto, importa apresentar os mecanismos de formação de palavras, que são bastante parecidos nas duas línguas tratadas e mostrar as limitações que aparecem numa perspectiva plurilíngue, além de indicar o fundo teórico que, a nosso ver, permite a intercompreensão.

2. Bases teóricas

Postular a possibilidade de ter intercompreensão baseada em elementos mórficos, geralmente prefixos e sufixos, pressupõe semelhanças entre línguas, mas igualmente dessemelhanças entre elas. No nosso contexto cultural, considera-se comumente o latim como ponto de partida para o estudo histórico das línguas neolatinas. Baseado nessa premissa, é legítimo interrogar-se sobre a distinção entre “língua” e “dialeto”. Seguindo Klinkenberg (1999, p. 34-49) podemos falar em dialeto a propósito de qualquer diversificação geográfica de um idioma, o português de Brasília, por exemplo. Além dessa conceptualização sincrônica, há ainda uma conceptualização diacrônica que permite assimilar tanto o português, como o francês ou o picardo, como dialetos do latim. Considerando não apenas a linguística interna, há, para “dialeto” uma terceira acepção

possível. Nessa perspectiva, o francês como dialeto se vê promovido a língua tendo ao seu lado vários dialetos, entre os quais o picardo já citado, trata-se agora da variedade padrão face a variedades não padrão.

Para o nosso propósito, as distinções apresentadas por Glessgen (2008, p. 39-46), entre línguas obtidas por elaboração (*langue par élaboration* – *Ausbausprache*) e línguas obtidas por distanciamento (*langue écart* – *Abstandsprache*) também têm sua pertinência, pois se considerarmos o espanhol, o francês e o português notamos que esses idiomas, pelo simples fato da evolução histórica, não são mais, em contraste, dialetos, mas línguas, fato reforçado pela normalização das variantes padrão. Já se queremos distinguir o português do Brasil da variedade europeia, devemos considerar o aspecto de elaboração.

Esses fatores já são suficientes para explicar a razão pela qual os afixos não funcionam da mesma maneira nas línguas aqui em questão e porque certa intercompreensão é facilitada pelo conhecimento dos mesmos. De fato, partindo do latim, as línguas neolatinas herdaram afixos desse idioma que foram, ao longo dos séculos, mudados ou adaptados a cada língua neolatina. Ao lado desses “dialetos diacrônicos” (espanhol, francês e português), o latim clássico continua tendo certa existência que exerce uma influência cultural comparável àquela exercida pelo grego. Nesse contexto, o latim clássico e o grego clássico continuam exercendo um papel essencial de fornecedores de elementos mórficos – não somente a línguas neolatinas. As gramáticas, como Almeida (2009, p. 372-405) em português ou Grevisse (2008, p. 162-202) para o francês expõem o funcionamento dos aspectos pertinentes para o nosso trabalho, ao menos considerando cada língua isolada.

Outro aspecto importante para a intercompreensão é o potencial evocatório das palavras que também se baseia nos elementos mórficos. As relações associativas de Saussure (1982, p. 173-175, edição T. de Mauro), a nosso ver, não se limita a uma única língua. Para os idiomas neolatinos, poder-se-ia objetar que se trataria de uma língua considerando uma sincronia larga ou raciocinando em termos de diacronia. É possível ir além. Na nossa civilização contemporânea, na qual as línguas de especialidade influenciam, cada vez mais, a língua comum, o saber circula entre línguas/civilizações essencialmente sob forma de palavras, de termos. Esses últimos são frequentemente o produto de criação consciente, que se funda na herança cultural greco-latina, afinal, *video* e *Nike* provêm, indiretamente, do latim e do grego, respetivamente.

3. Considerações a propósito da formação de palavras

Os procedimentos que permitem a formação de novas palavras se dividem em duas famílias, a derivação e a composição. A formação de novas unidades lexicais por outros mecanismos, por abreviaturas ou por onomatopeia, por exemplo, não é pertinente no presente quadro, razão pela qual estes mecanismos não serão expostos. Nos exemplos a seguir, ESP. significa espanhol, FRA. significa francês e POR. português.

3.1. A derivação

Na perspectiva aqui adotada, a derivação se opõe à composição. Ela corresponde a um procedimento que permite a criação de novas unidades lexicais pelo acréscimo de *afixos*, ou seja, pelo acréscimo de *prefixos*, *infixos* ou *suffixos*. Os afixos, a princípio, não têm autonomia lexical, salvo certos prefixos que estão em relação com preposições e advérbios (POR.: *bem* > *bem-feito*, *mal* > *malfeito*; FRA.: *bien* > *bienfait*, *mal* > *maladroit*). Este fato indica que a distinção entre derivação e composição às vezes é frágil.

Raciocinar em volta da derivação implica o uso de certos termos e conceitos. Entendemos por *base*, ou *palavra inicial*, a unidade lexical existente antes da formação de outra, mais nova.

EXEMPLOS. Em francês, o verbo *tousser* (*tossir*) é a base pela qual se chega ao verbo *toussoter*; em português *mudo* é a base que permite chegar a *emudecer*.

O *radical*, por seu lado, é a parte da palavra sem afixo nem vogal ou consoante de ligação; trata-se de uma forma normalmente sem autonomia.

EXEMPLOS. Em francês, *pen* é o radical de *depenalisation*; em português, *mud* é o radical de *emudecer*.

Prefixos são morfemas que se fixam à esquerda de uma base. Eles provêm em geral do grego e do latim e não têm autonomia lexical. Vale lembrar que certos prefixos são considerados como vernáculos, tendo existência no idioma desde o latim, e outros prefixos são considerados latins, por serem formados conscientemente a partir desse idioma.

EXEMPLO. Em francês como em português, o prefixo *entre-*, que corresponde à preposição homônima, *entre*, é genuinamente vernáculo e

permite a formação de palavras como FRA.: *entracte*, *entre-ligne*; POR.: *entreato*, *entrelinha*. *Entre* provem do latim *inter* que continua ser um prefixo ativo em espanhol, francês e português, ESP.: *interactivo*, *intermuscular*; FRA.: *interactif*, *intermusculaire*; POR.: *interativo*, *intermuscular*. Os prefixos não têm influência sobre a categoria gramatical da palavra formada.

Sufixos são morfemas que se fixam à direita de uma base. Assim como os prefixos, eles provêm essencialmente do latim e, em menor proporção, do grego. Os sufixos podem implicar uma mudança de categoria gramatical da palavra modificada. Partindo dos verbos FRA.: *transformer*; POR.: *transformar*, podemos obter por sufixação os substantivos FRA.: *transformateur*, POR.: *transformador*. Tão importante como a mudança gramatical é a informação semântica transmitida pelos afixos nos exemplos agora expostos. O sufixo FRA.: *-fère*, POR.: *-ífero*, além de formar adjetivos ou substantivos, transmite a ideia “que transporta”, “que contem”, como se vê em FRA.: *mammifère*, *pétrolifère*; POR.: *mamífero*, *petrolífero*.

A noção de *infixo* é mais delicada e apresentada aqui apenas para estar completo em relação ao conceito “*afixo* = *prefixo* + *sufixo* + *infixo*”. No sentido estrito, o *infixo* não existe em português, pois trata-se do afixo que se insere no interior de uma palavra, como no latim, onde se fala de “*morfema nasal*”. No sentido largo, às vezes considera-se como *infixo* vogais ou consoantes de ligação.

Em francês analisa-se, em algumas ocasiões, *-ot-*, em *chipoter* (*questionar mesquinamente*; *agir com lentidão*) ou *trembloter* (*tremular*; *vascular*) como *infixos*: mas a análise mais aceita é: *chip-* (= radical) + *-ot-* (= sufixo) + *-er* (= designação verbal, tipo de afixo não tratado no presente trabalho).

Depois desses esclarecimentos terminológicos, cabe apresentar os diferentes procedimentos de derivação.

3.1.1. Derivação prefixal

Decorrente das explicações dadas precedentemente, a derivação prefixal consiste no acréscimo de um prefixo à esquerda de uma base. O encontro do prefixo com a base pode ter incidências grafo-fonológicas. Assim, o latim *cum* dá em francês as formas *com-*, *coll-*, *con-* e *co-*, em

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

função da base modificada, em português o *cum* evoluiu, também em função da base, para *com-*, *col-*, *con-* e *co-*.

EXEMPLOS. FRA.: **compagnon**, **collaborateur**, **confédération**, **coexister**; POR.: **companheiro**, **colaborador**, **confederação**, **coexistir**.

Nota-se que, nestes exemplos, a prefixação é ainda plenamente sentida em *coexister/coexistir*, enquanto que, em *companheiro*, o *com-* se analisa mais dificilmente; ou seja, a prefixação já é um fato da história da língua.

3.1.2. Derivação sufixal

Se a derivação se faz pelo intermediário de um morfema acrescida à direita da base, fala-se em *derivação sufixal*; ou seja, a nova palavra foi obtida pelo auxiliar de um sufixo. Certos sufixos servem para formar adjetivos ou substantivos, por exemplo, enquanto outros servem para formar nomes de coletivos, ou ainda nomes de ação.

EXEMPLO. A noção de “possível”, ou da “possibilidade” se deixa exprimir pelo sufixo FRA.: *-ible*; POR.: *-ível*; de que resultam FRA.: *accessible*; POR.: *acessível*.

3.1.3. Derivação parassintética

É possível recorrer simultaneamente a um prefixo e a um sufixo. Fala-se então em *derivação parassintética*. Numa perspectiva de intercompreensão, importa mais o conhecimento dos afixos presentes na palavra derivada, do que como e o momento histórico em que uma palavra foi formada.

EXEMPLO 1. O adjetivo francês *inusable* foi formado a partir do prefixo *in-*, do verbo *user* (sem a desinência infinitiva *-er*) e do sufixo *-able*. Sabe-se que *inusable* corresponde a uma formação parassintética, porque o adjetivo *usable* é, na língua francesa, posterior a *inusable*.

EXEMPLO 2. O português *desalmado* é formado a partir do substantivo *alma*, recorrendo simultaneamente ao prefixo *des-* e ao sufixo *-ado*, pois inexistem em português formas como **almado* ou **desalma*.

Em ambos os exemplos e numa perspectiva de intercompreensão, o que importa não é saber que as duas palavras são formações parassintéticas, mas saber interpretar os respectivos afixos.

3.1.4. *Derivação regressiva*

Derivação regressiva é o nome usual para designar o procedimento de formação de novas palavras que consiste na supressão de prefixos ou sufixos da palavra inicial. Numa perspectiva de intercompreensão a derivação regressiva não causa problema, pois os mecanismos da regressão são bastante parecidos nas línguas aqui tratadas. A derivação regressiva pode entrar em conflito com a derivação própria, no sentido de que não é evidente saber se existia primeiramente em francês *usine* ou *usiner*, *report* ou *reporter*. A história da língua permite admitir que *report* é o resultado de uma derivação regressiva (*reporter* > *report*), mas *usiner* é o resultado de uma derivação própria (*usine* + *er* > *usiner*). A passagem de um verbo para um substantivo é um caso bastante produtivo da derivação regressiva; nesse caso, o resultado é igualmente chamado *deverbal*.

EXEMPLOS. Em francês, como em português, há bastante nomes de ação ou resultado que provêm de uma derivação regressiva. FRA.: *biser* > *bise*, *couper* > *coupe*, *reporter* > *report*; POR.: *beijar* > *beijo*, *cor-tar* > *corte*, *papar* > *papo*.

3.1.5. *Derivação impropria*

Quando uma palavra de uma dada categoria gramatical está empregada como sendo de outra categoria, sem mudar de forma, se fala em derivação imprópria.

EXEMPLOS. ESP.: *bien* (adj.) > *el bien* (s.m.); FRA.: *la rose* (s.f.) > *rose* (adj.); POR.: *bom* (adj.) > *o bom* (s.m.).

3.2. A composição

A composição corresponde ao procedimento de formação de palavras com elementos léxicos a princípio autônomos. Assim observamos que *couve* e *flor* são unidades lexicais independentes, mesmo formando a unidade lexical *couve-flor*, esse fato é uma diferença importante em

comparação com a derivação. No quadro da presente análise consideramos como palavras compostas todas as formas cristalizadas nas quais os elementos da composição são perceptíveis, mesmo se a escrita parece apagar a composição (FRA.: *portefeuille*, de *porte* + *feuille*; POR.: *girassol*; de *gira* + *sol*). Na história da língua, certas composições são cristalizadas a tal ponto que o falante contemporâneo não nota mais a composição. Em português *comer* não se percebe como um composto de *cum* + *edere* (“comer com”) e, em francês, *culbuter* não se percebe como *buter* (“bater, encostar”) de uma maneira específica. Com o tempo, nessas palavras, a composição se apagava na percepção do falante. Da mesma maneira não se percebe mais as unidades “privado” e “lei” em ESP.: *privilegio*; FRA.: *privèlège*; POR.: *privilégio*; de *privilegium*, “lei concernente um particular”.

Dividimos a composição em dois procedimentos, que são a composição por justaposição e a composição por aglutinação. Apresentamos a chamada composição erudita a parte, porque apesar de ela ter similitude com a composição por aglutinação, ela mantém certa similitude com a derivação.

3.2.1. Composição por justaposição

A composição por justaposição se faz normalmente com unidades lexicais do vernáculo. Na escrita, essas composições se apresentam:

- justapostas, sem hífen, sem espaço entre as palavras entrando na composição, como em FRA.: *ma* + *dame* > *madame* (“senhora”); POR.: *passa* + *tempo* > *passatempo*;
- justapostas, sem hífen, com espaço entre as palavras entrando na composição, como em FRA.: *pomme de terre* (maça de terra = “batata”); POR.: *dona de casa*;
- justapostas, com hífen entre as palavras entrando na composição, como em FRA.: *porte-chapeaux*, POR.: *porta-chapéus*.

A composição por justaposição é pertinente para a intercompreensão na medida em que as línguas neolatinas têm funcionamento bastante parecido para a formação de novas palavras. Nas composições “substantivo + sintagma preposicional” aparecem as mesmas interrogações para saber a partir de que momento uma composição possa ser considerada como uma unidade lexical.

3.2.2. Composição por aglutinação

Entram na presente categoria as composições nas quais a junção provoca alguma alteração nos elementos juntos. Observa-se esse fato, por exemplo, em POR.: *plano + alto > planalto*, *filho + de + algo > fidalgo*. A esse propósito deve-se ver que a linguística e gramática francesas não conceptualizam a aglutinação como implicando obrigatoriamente uma alteração entre os elementos aglutinados: *au + jour + d'hui > aujourd'hui* (no dia de hoje = “hoje”), *l'herre > lierre* (“hera”; aglutinação do artigo).

Outros casos de composição por aglutinação (*tele + fonia > telefonia*, por exemplo) serão tratados na parte a seguir.

3.2.3. As composições chamadas eruditas e híbridas

Em vez de dividir a composição em composição por justaposição e composição por aglutinação, pode-se recorrer aos conceitos de composição popular e composição erudita e híbrida. Essa divisão é menos usada em português que em francês. A primeira corresponde às composições feitas com unidades lexicais autónomas da língua vernácula, como foi visto a propósito da composição por justaposição, mas igualmente a propósito da composição por aglutinação se os elementos que entram na composição provêm de unidades lexicais autónomos (como em *planalto*).

A composição chamada erudita se faz com elementos mórficos provindos de línguas estrangeiras, antes de tudo do grego e do latim, se é possível chamar essa última língua de estrangeira. Numa perspectiva purista não se devem entrar numa composição duas línguas distintas, grego e latim, por exemplo. Assim dever-se-ia dizer *unilíngue*, em vez do chamado hibridismo *monolíngue*, pois *mono* provem do grego e *língue* do latim. Face a esta observação, há de constatar que muitos hibridismos já estão plenamente integrados nas línguas do nosso interesse (FRA.: *automobile*, *homosexuel*, *pluviomètre*; POR.: *automóvel*, *homossexual*, *pluviómetro*).

Há igualmente bastante composições em que o “morfema erudito” se associa a um lexema das línguas vernáculas. (FRA.: *autoportrait*, *baisodrome*, *minijupe*; POR.: *autorretrato*, *beijódromo*, *minissaia*). O inglês *self* entra às vezes em concorrência com o grego *auto*, como se observa no par de palavras francesas *autodéfense* vs. *self-défense*. O português, como o francês, tem o *self-made-man* e o *self-service*.

4. Derivação versus composição

Independentemente de como é feita a análise morfológica das palavras, há uma área em que a distinção nítida de derivação e de composição não se deixa manter. Assim, no caso dos chamados prefixos autônomos ou separáveis, a análise da palavra formada em geral ainda permite postular que se trata, por exemplo, de uma composição do tipo

- prep. + s.m.: FRA.: *avant* + *bras* > *avant-bras*; POR.: *ante* + *braço* > *antebraço*; ou
- adv. + vb.: FRA.: *bien* + *être* > *bien-être*; POR.: *bem* + *estar* > *bem-estar*.

Além dessa análise, *ante* e *bem* dos exemplos citados guardam seu emprego usual na língua.

No caso das composições chamadas eruditas ou híbridas, a questão é mais delicada. Se a autonomia dos elementos da composição é considerada um critério decisivo, é legítimo perguntar-se como interpretar *bio* em *biologia*, por exemplo. De fato, *bio*, do grego *bios*, significa "vida", mas não tem a autonomia lexical da palavra *vida*. O outro elemento de *biologia*, *logia*, provem do grego *logos*, "discurso"; portanto, podemos afirmar que a *biologia* é a teoria ou o discurso sobre a vida. Estamos diante de elementos que teriam sua autonomia num grego idealizado pelo sistema de composição que estamos examinando. Nota-se ainda que, neste tipo de formação, a ordem dos elementos não segue o modelo vigente nas línguas romanas, que é "determinante + determinado" (*teoria* + *da vida*), mas o modelo "determinado + determinante" (*vida* [bio] + *teoria/discurso* [logia] > *biologia*). Além disso, a presença de *bio* é observada em muitos outros compostos, como *biografia*, e a presença de *logia* em palavras que designam disciplinas ou ciências é comum, de *arqueologia* a *zoologia*.

Sem dúvida, pode-se fazer a distinção entre derivação e composição analisando os elementos empregados na formação de uma palavra. No caso de uma formação obtida com um elemento mórfico erudito e um elemento do vernáculo, estamos diante de uma derivação: em *televisão*, o elemento grego *tele* funciona como um prefixo, parecido com o *pre* de *previsão*. Ao contrário, em *telefone* (ou *telefone*, mas esse último foi emprestado ao inglês), *tele* não é um prefixo, pois *fono* também é um elemento erudito provindo do grego e, juntos, os dois elementos compõem uma nova unidade lexical.

*

Para a intercompreensão é de certa importância conhecer os mecanismos que permitem formar novas palavras, sobretudo os mecanismos que implicam o uso de prefixos, sufixos ou de elementos de composição chamados eruditos. Conhecer elementos como *des-*, *-ismo* ou *antrop* já permite fazer uma primeira interpretação de unidades lexicais como *desfazer*, *patriotismo*, *antropologia* ou *filantropo*:

- *desfazer* é a negação ou o contrário de *fazer*;
- *patriotismo* corresponde à teoria, à doutrina ou à ideologia relativa aos patriotas;
- *antropologia* implica a *logia* do *antropos*, do homem; quando se conhece igualmente *logia*, se chega ao significado "ciência do homem",
- *filantropo* implica igualmente algo a propósito do homem, da humanidade; é *fil(o)* que permite estabelecer o significado do composto, que é "amigo da humanidade".

Se o funcionamento dos prefixos, dos sufixos e dos elementos mórficos em geral é bastante parecido nas línguas românicas, deve-se ver também que há limites, pois certos afixos existem sob uma forma vernácula, mas também sob uma forma grega ou latina; nesses casos, uma língua pode preferir um afixo e outra língua outro afixo. Esses aspectos concernem aos limites do modelo de intercompreensão pelo intermediário de afixos.

5. *Elementos mórficos: possibilidades e limites de intercompreensão*

Os limites de modelo de intercompreensão baseado no conhecimento dos elementos mórficos (afixos e outros elementos que entram na formação de palavras) provêm do fato de que, em discurso, as três línguas não funcionam da mesma maneira. Expomos essa problemática primeiramente com alguns exemplos de sufixos, contrastando o francês e o português, sem entrar demasiadamente em considerações de ordem diacrônica.

- FRA.: *-able* / POR.: *-ável* e
FRA.: *-ible* / POR.: *-ível*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os sufixos provêm do latim *abilis* e *ibilis*, respectivamente. Para ambos existem sequências de palavras em que o francês *-able* corresponde ao português *-ável*, e o francês *-ible* ao português *-ível*, mas a associação

-able – *-ível* se observa igualmente, por exemplo em FRA.: *mangeable*, POR.: *comestível*.

- FRA.: *-ance* / POR.: *-ância* e
FRA.: *-ence* / POR.: *-ência*

Os latins *ancia* e *encia* se observam em francês e em português. A assimilação do francês *-ence* com o português *-ência* é bastante generalizada, observa-se, por exemplo, FRA.: *adolescence*, *prudence*; POR.: *adolescência*, *prudência*. A associação *-ance/-ancia* é mais delicada, há efetivamente casos em que associação correta do francês *-ance* se faz com o português *-encia*, como em FRA.: *résistance*, POR.: *resistência*.

- FRA.: *-oir*, *-oire* / POR.: *-(t)ório*, *(t)ória*

Além da sequência de associações legítimas dos sufixos (*auditoire/auditório*, por exemplo), partindo do francês *-oir*, *-oire*, existem outras associações:

- *-oir*, *-oire* / *-eiro*, *-eira*, como em FRA.: *baignoire*, *perchoir*, POR.: *banheira*, *poleiro*;
- *-oir*, *-oire* / *-(d)ouro*, *-(d)oura*, como em FRA.: *abattoir*, *mangeoire*, POR.: *matadouro*, *manjedoura*;
- *-oir*, *-oire* / *-ol*, como em FRA.: *urinoir*, POR.: *urinol*.
- FRA.: *-eau*, *-elle* e *-et*, *-ette*

Os sufixos de valor diminutivo são mais produtivos em português que em francês. Se isolamos os dois sufixos franceses, *-eau/-elle* e *-et/-ette*, obtemos em português, no mínimo, quatro diminutivos: *-ito/-ita*, *-(z)inho/-(z)inha*, *-ela* e *-cula*. Seguem alguns exemplos:

- *chevreau* – *cabrito*; *coupelle* – *copela*; *lionceau* – *leãozinho*; *maisonnette* – *casinha*, *casinhola*; *pauvret* – *pobrezinho*, *pobre-zito*; *radicelle* – *radicela*, *radícula*

As unidades lexicais francesas citadas estão cristalizadas nas formas aqui apresentadas, enquanto o português guarda ainda certa liberdade na escolha do diminutivo, ou seja, em francês existem *maison* e, em

paralelo, *maisonnette*, enquanto em português a existência de *casa* permite construir *casinha* ou *casinhola*, que é mais rara.

- FRA.: *-âtre*

Em francês, o sufixo *-âtre* serve para formar adjetivos que exprimem um caráter aproximativo em relação à palavra de base. *Blanchâtre*, de *blanche* (branca), significa "mais ou menos branco", um homem *belâtre* talvez é bonito, mas a associação de *-âtre* ao adjetivo *beau* (bonito) acrescenta uma ideia de tolice. Esse sufixo não se deixa associar a um sufixo português da mesma origem etimológica. Frequentemente o português exprime a mesma noção com *-ado* ou *-icado*, FRA.: *douceâtre*, *rougeâtre*, POR.: *adocicado*, *arrochado* ou *avermelhado*.

Os prefixos permitem observar problemas de associação parecidos.

- FRA.: *hyper-* / POR.: *hiper-* e
FRA.: *ultra-* / POR.: *ultra-*

Em francês, como em português, é possível recorrer a um prefixo grego ou a um prefixo latim para exprimir que algo ultrapassa a medida comumente admitida. O termo linguístico francês de *hypercorrection* corresponde ao português *hipercorreção*, mas a literatura especializada prefere a formação com *ultra-*, *ultracorreção*.

- FRA./POR.: *-pluri* e *-multi*

A ideia de “vários” ou “muitos” pode ser expressa, em francês como em português, com *pluri-* ou *multi-*. Acontece que, em certos casos, o português prefere *multi-* onde o francês prefere *pluri-*, por exemplo os FRA.: *pluricellulaire* e *pluridimensionnel* correspondem ao POR.: *multicelular* e *multidimensional*, mesmo que os dicionários brasileiros mencionam igualmente a existência de *pluricelular* e *pluridimensional*.

- FRA.: *sur-* / POR.: *sobre-*,
FRA.: *sur-* / POR.: *super-* e
FRA.: *sur-* / POR.: *ultra-*

O francês *sur-* se associa em geral ou com *sobre-* (FRA.: *surnaturel*, POR.: *sobrenatural*) ou com *super-* (FRA.: *surdoué*, POR.: *superdotado*). Excepcionalmente *sur-* se associa com *ultra-* (FRA.: *surpasser*, POR.: *ultrapassar*), observamos ainda que *ultrapassar* corresponde também ao francês *dépasser* (por exemplo FRA.: *dépasser une voiture*, POR.: *ultra-*

passar um carro). A respeito do francês *super-* cabe ainda mencionar que, de costume, ele se associa com o português *super-* (FRA.: *supermarché*, POR.: *supermercado*).

6. Conclusão

Diante destas observações aparece claramente que o conhecimento dos afixos e das bases gregas e latinas é uma ferramenta útil e eficaz para a intercompreensão; pois o paralelismo nas palavras não se limita apenas ao francês e ao português aqui apresentados, mas deixa-se estender ao espanhol e, em muitos casos, a línguas que nem provêm do latim. Esse fato se explica pelo papel preponderante que o latim e o grego ocuparam, e ainda ocupam, na nossa civilização quando se trata de exprimir novos conceitos pelo intermediário de novas palavras. Os séculos XVIII e XIX consagraram em muitas ciências as bases terminológicas frequentemente ainda válidas em muitas línguas. Desse modo se internacionaliza certo “saber mórfico” fora das línguas neolatinas e do grego garantindo assim certa intercompreensão.

Em termos funcionais, vale lembrar que, num primeiro tempo, o conhecimento dos elementos mórficos facilita a compreensão do léxico de uma dada língua, da língua materna inicialmente, e a intercompreensão entre línguas. Já para a produção, como mostraram os conflitos possíveis entre vários afixos, quando uma língua consagra uma possibilidade e a outra língua, outra, por exemplo *mangeable* em francês e *comestível* em português.

Em termos práticos, o exposto mostra que o funcionamento morfológico merece ocupar um lugar importante tanto no ensino da língua materna como no ensino das línguas estrangeiras, pois seu entendimento facilita a tarefa dos futuros tradutores, como dos futuros universitários em geral que deverão fazer leituras não apenas na sua língua materna mas igualmente em outros idiomas.

Essas considerações levaram professores da Universidade de Brasília a elaborar material didático que visa facilitar o ensino e a aprendizagem desses elementos mórficos numa perspectiva de intercompreensão entre o espanhol, o francês e o português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BOUFFARTIGUE, J.; DELRIEU, A.-M. *Trésor des racines latines*. Paris: Belin, 1994.

_____; _____. *Trésor des racines grecques*. Paris: Belin, 1995.

CALAQUE, Elisabeth. *Les mots en jeux*. L'enseignement du vocabulaire. Grenoble: Centre Régional de Documentation Pédagogique, 2002.

GLESSGEN, Martin-Dietrich. *Linguistique romane*. Paris: Armand Colin, 2008.

GREVISSE, Maurice. *Le bon usage*. Bruxelles: De Boeck/Duculot, 2008.

KLINKENBERG, *Des langues romanes*. Bruxelles: De Boeck/Duculot, 1999.

PICOCHÉ, Jacqueline. *Didactique du vocabulaire français*. Paris: Nathan, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1982.

STREHLER, René G. O. *Dictionnaire suisse romand* e a lexicografia diferencial. *Cadernos de Tradução*, n. 32. Florianópolis: UFSC-PGET.

_____; GOROVITZ, Sabine. *Manual do RepLET acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia*. Brasília: Thesaurus, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensée et langage*. Paris: Sociales, 1985.